

BRASIL-PORTUGAL

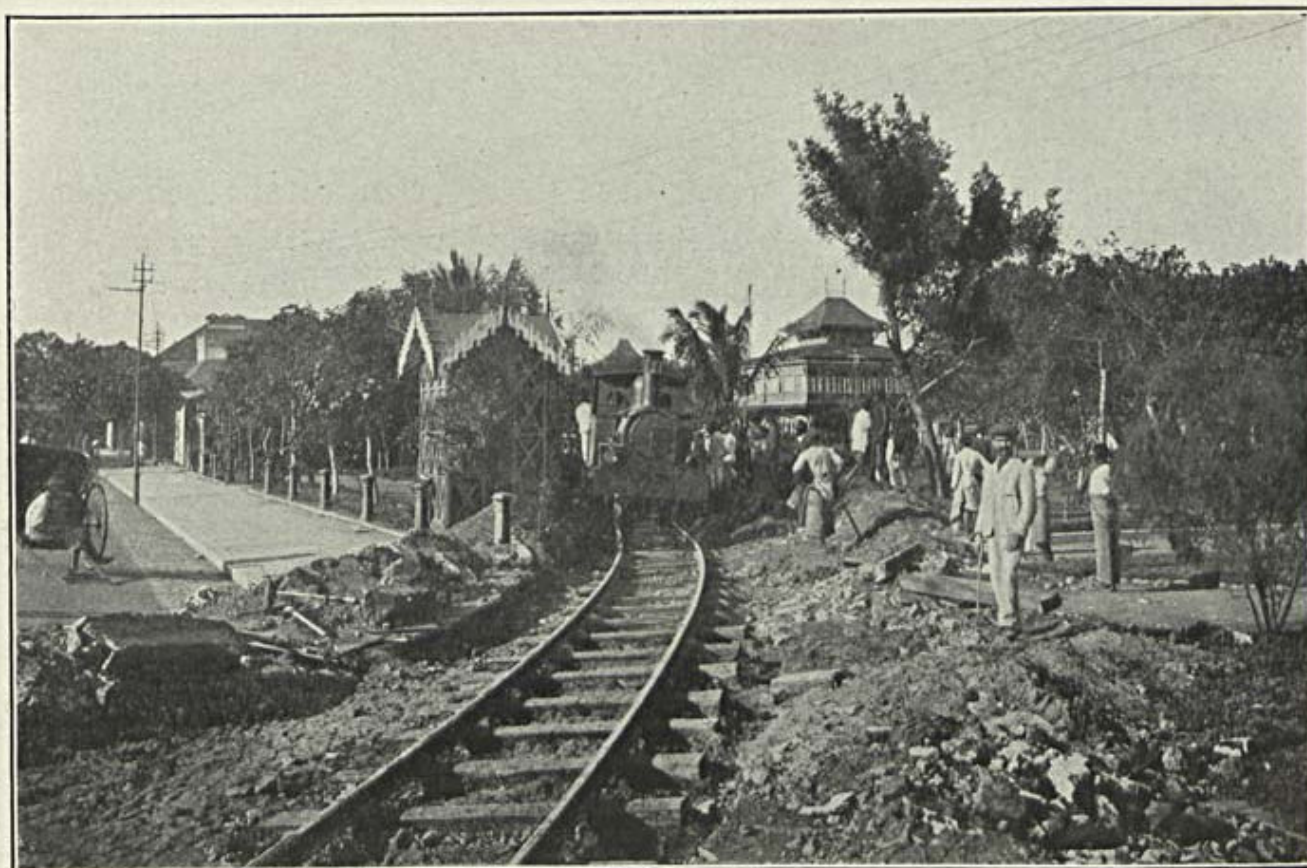
DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manoel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE MARÇO DE 1912

N.º 316

Assumptos coloniaes

LOURENÇO MARQUES



Aspecto da Praça 7 de Março cortada pela linha do caminho de ferro

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de março de 1912

Em Portugal a civilização bateu o *record*. Com effeito, nenhum país europeu ou extra-europeu, que nos lembre, foi capaz até hoje de elevar ás proporções de uma doutrina, de sustentar e defender na sua imprensa, que se devem sovar advogados, jurados e juizes, quando elles, no exercicio da sua missão, estejam em desaccôrdo com uma parte da opinião publica.

Pelo que respeita aos advogados, a imprensa menos culta de qualquer país menos civilizado, o mais que faria era censurar o

vocês, juizes como nós, deante de processos anarchicamente organisados, alguns d'elles caracterizados até pela falta de corpo de delicto, e todos ou quasi todos enfermando de um defeito inicial: a errada classificação do crime? Vocês, que tanto censuram o que não conhecem, estamos certos, nós juizes responsaveis, que fariam exactamente o mesmo que nós fazemos, e que a nenhuma ameaça ou coacção, de qualquer ordem que fosse, vergariam a consciencia de magistrados e a dignidade de homens.»

Tem-se falado para ahí em consciencia monarchica e consciencia republicana, como se a justiça fosse republicana ou monarchica. Exactamente por ser justiça é que não pode ser manchada por laivos politicos de qualquer natureza, e seria preciso provar que os magistrados superiores de Portugal, para servirem interesses inconfessaveis ou revoltantes facciosismos, se afastam da Lei que temem de cumprir e fiscalisar. Se isto se não provou ainda, são des-

Monumento a Joaquim Antonio de Aguiar



Na officina de fundição do Arsenal do Exercito em Santa Clara — A fundição da estatua de Joaquim Antonio de Aguiar, destinada á cidade de Coimbra

(Phot. de A. C. Lima)

presidente do tribunal que os não mettesse na ordem, com os poderes que a Lei lhe faculta, quando elles exhorbitassem. Relativamente ao jury, uma das mais avançadas instituições democraticas, desacatá-lo, insultá-lo, é insultar e desacatar a democracia. Se lhe não agradam a ella as decisões d'elle, se pela continuidade as julga parciaes e nocivas, o que tem a fazer é muito simples: deprecia-lo; offendê-lo, nunca, porque seria offender a sua propria obra. Com o parlamento aberto, nada mais facil que propôr a sua reorganisação, por fórma a evitar flagrantos conflictos entre verdictums e opiniões. E, no que diz respeito aos juizes dos tribunales superiores, que não mantem as pronuncias dos presos politicos, estamos certos de que elles triumphantemente responderiam aos feroces censores: «vejam primeiro os processos e censurem depois... se são capazes.» Podiam mesmo phantasiar a hypothese de se mudarem as scenas, de se transformarem em juizes da Relação elles censores, e a estes perguntariam então os outros: «Que fariam vocês, que não estão ahí senão para fiscalisar a lei, que a traiçoiariam a ella, e á sua consciencia juridica, e á sua missão de juizes, se dessem ouvidos a qualquer suggestão extranha, a qualquer versão ou boato que do processo não constasse, que para o facto de dar a liberdade a um homem ou mantê-lo sob a accusação de um crime, não deverão attender a qualquer outra coisa que não seja o que a Lei estatue, o que a Lei manda, que fariam

tuitidas de verdade e de justiça as accusações e ameaças que lhes dirigem, e não são elles os que estão fóra da ordem.

Coisas se estão passando que dão volta ao miúdo — até áquelle que de melhor tèmpera se julgue. Pertence ao numero o caso occorrido em Beja com a prisão do ministro de Inglaterra. Não temos noticia de ter já sido liberto dos ferros da Republica o captor do diplomata, e comtudo perante a prisão do zeloso policia subsiste ainda o espanto de toda a gente de bom senso.

Prêso? Porquê? Porque prendeu um forasteiro? Porque tomou esse forasteiro por um conspirador? E por que não havia de ser conspirador um homem que se fazia acompanhar de pessoas suspeitas, que lhe falava n'uma lingua de trapos, que lhe perguntava onde era a igreja e onde morava o bispo de Beja?

Com bem menos matadores, não tem sido presos muitos outros? Tem dito do pobre policia cobras e lagartos e só a verdade se não tem dito, só justiça se lhe não tem feito. Em vez de imbecil, com que o alcunham, deviam proclama-lo o mais esperto de todos os Argus, o habil Antunes da Republica. Vêr e ouvir sir Harding, fareja-lo, saber-lhe a conspirador, apitar como um desal-

mado e prendê-lo em nome da Lei, foi obra de um momento. Se lhe tinham dado ordens para catrafilhar todo aquelle de quem suspeitasse, porque não suspeitaria de quem tão suspeito se lhe afigurava?!?

Prenderam-no a elle d'ahi a pouco, é certo, e disseram-lhe que estava na presença do ministro da Inglaterra. Como assim? devia

chamar o rapaz, explicou-lhe o caso, e ensinou-lhe as respostas que havia de dar.

Passado algum tempo, Frederico viu o rapaz, chamou-o e fez-lhe as tres perguntas do estylo, mas, por acaso, em ordem diversa da usual.

— Ha quanto tempo estás na guarda? perguntou-lhe.

A febre typhoide em Lisboa



Fachada do Hospital do Repouso

o dedicado agente da autoridade perguntar á outra autoridade superior que nesse momento o estava aterrorizando com o espectro da perpetua masmorra; como assim! Será Beja uma Babylonia, ou não haverá telegrapho, nem correio, nem governador civil, nem administrador do concelho? Ninguém sabe, ninguém avisa, ninguém diz que está aqui o alto representante da Grã-Bretanha, ninguém recebeu instrucções para o acompanhar e dirigir, e eu, um insecto policial, a mais reles expressão da autoridade, vivendo neste sertão, eu é que devia adivinhar quem era o ministro da Inglaterra que me perguntava, por não achar mais ninguém á mão, onde morava o bispo e onde era a igreja! E' boa essa! Um desconhecido que faz perguntas d'essas a um misero policia é conspirador, pela certa. Se o é e o não prendo, vão-me aos favaes, se o prendo, e acerto, apanho gorgêta. Dizem, além d'isso, que sou policia talassa, pois para provar que o não sou, prendo a tórto e a direito, e zás, começo por este.

E ao passo que este policia dotado de tanta perspicacia, de tanto civismo, e de tanta energia, está a expiar tudo isto no calaboiço de Beja, o sr. ministro do interior, o sr. governador civil, e o sr. administrador do concelho, responsaveis do attentado, continuam em liberdade, e ainda por cima estão a recrear-se com as torturas da sua victima!

O' injustiça... republicana!

JAYME VICTOR.

ANECDOTA

Frederico, o Grande, rei da Prussia, era muito affavel para os soldados da sua guarda e a qualquer cara nova que avistasse entre elles fazia invariavelmente tres perguntas: Que idade tens? Ha quanto tempo pertences á guarda? Téem-te pago regularmente o teu pret e forneceram-te o fardamento regulamentar?

Um rapaz francez que não sabia uma palavra de allemão, empenhou-se extraordinariamente para ser admittido na guarda do grande rei e, como era garboso e de apparencia marcial, conseguiu o que desejava. O capitão, porém, lembrando-se de que o rei, mais dia menos dia, lhe faria as tres perguntas do estylo e que o novo guarda não poderia responder por não perceber allemão,

— Vinte annos, respondeu em allemão o novo guarda sem hesitar.

O rei olhou para elle com espanto, não só porque era a primeira vez que o via, mas ainda porque a juventude do guarda que estava interrogando desmentia por completo a afirmativa da resposta. Mas continuou.



A febre typhoide em Lisboa — Entrada de doentes para o hospital do Repouso

(Phot. de ***)

— Que idade tens?

— Um mez, respondeu o soldado.

— Ah! E' demais. Um de nós perdeu o juizo, disse o rei entre si indignado e surprezo.

— Um e outro, meu senhor, respondeu o guarda, imaginando que as ultimas palavras do rei eram a terceira pergunta.

Frederico ficou estupefacto com o atrevimento do soldado, não sabendo o que pensar do caso, nem se deveria zangar-se.

Decidido a profundar o assumpto, visto que a attitude respeitosa do soldado não permittia suppór a troça ou o proposito de offensa, fez a este mais algumas perguntas.

Como, porém, se lhe tivesse exgotado a provisão de allemão, o guarda vendo que o rei continuava a interrogar-o, explicou-lhe em francez que não sabia mais nada de allemão e que as tres respostas as tinha aprendido de cór para aquella eventualidade.

Frederico riu a bandeiras despregadas e aconselhou o soldado a applicar-se á aprendizagem da lingua allemã.

Pagina biblica

Elogio da mulher

A DÃO, abrindo os olhos, erguera-se da terra, perfeito e bello, oppondo á luz crúa do paraíso o braço nu.

Era o pó sem vida preterita, acordando sem memoria, sobresaltado de temor, encanto e adoração.

No alto, sentado n'uma nuvem branca, o Creador mostrava-lhe um riso affavel de pae enternecido, olhando os primeiros passos vacillantes do filho.

Adão, com o braço arqueado em frente dos olhos recém-abertos, ia graduando a luz e a zona visual, como a creança mal acordada, de olhos novos, mimosos, a quem se abrisse de repente a janella do quarto, affogueando-lhe a cama, de sol.

Só quando os sentidos se familiarisaram com as magnificencias que o rodeavam, poudé apreciar os primeiros gosos.

O Eden parecia-lhe feito de tintas, cheiros, harmonias, palpitações e serenidades, mas todas estas creações tão alliadas e confusas, que as côres repassavam a musica, as harmonias sonorizavam as tintas, a paz ungia as vibrações e os aromas agitavam a tranquillidade.

Viu que Jehovah tinha repetido a modalidade de cada ser,



A febre typhoide em Lisboa — Carro destinado á condução de doentes

(Phot. de ***)

com maior ou menor força e graça, mas, com surpresa, observou que todos os animaes tinham um par, e elle tinha uma sombra.

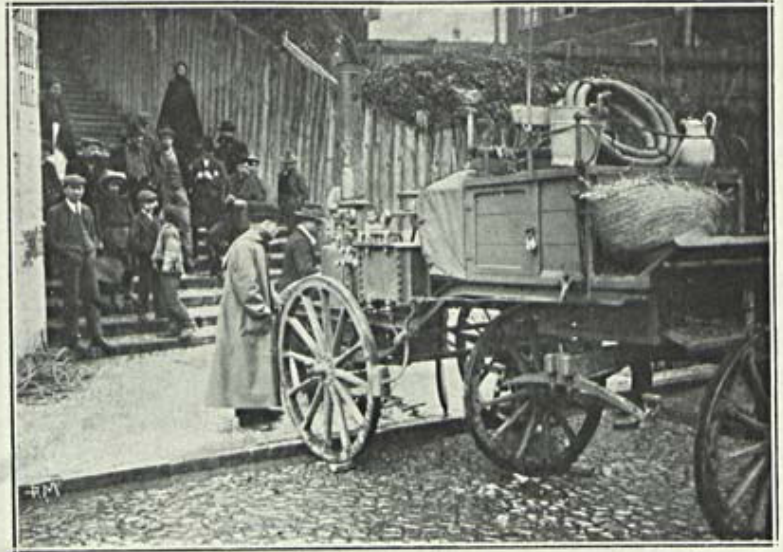
De tudo se felicitou, porque de tudo havia no paraíso, mas esperava, firmemente, que Jehovah materialisasse e vivificasse essa sombra em creatura onde se consubstanciassem todas as perfeições — as perfeições que elle só podia fruir, em separado, vagueando no Eden, abrindo os sentidos ás graças dispersas de infinitas creaturas.

Desde essa hora, Adão presentiu, e por uma intuição da sua

intelligencia foi idealizando esse ente, enquanto Jehovah o não creava.

Mas apenas o phantasiava nebulosamente, sem traçar as linhas nitidas de cada fôrma.

Como todas as coisas eram bellas e bóas, e lhe davam felicidade, ideou a creatura com as perfeições e grandezas de tudo o que via.



A febre typhoide em Lisboa — O carro esterilizador que tem fornecido agua ao publico

Numa largueza de visão, imaginou-a contendo em si o fogo claro do sol, a immensidade do ceu e os mysterios do abysmo.

Se olhava as arvores, umas tenebrosas e alliciadoras, onde os seus olhos mal podiam entrar, outras de ramagens doiradas, como finas cabelleiras de sol, enlevava-se na graciosidade dos ramos ondeando ao vento: «assim devia ornar-se a cabeça do futuro ser...»

No paraíso, entre dois montes nevados de lorangeiras floridas, afundava-se um valle tepido e branco onde zumbiam abelhas sobre calices de açucenas, a transbordar de mal: «estes dois montes e o valle symbolisavam o peito do novo ser...»

E o feliz Adão continuava a tirar, de cada ente, uma belleza.

Quando o vento ciciava, embalando devagarinho, nas hastes, as cabeças dos roseirae, debruçava-se infantilmente para vêr se a musica da aragema sahia do coração das flores, e lembrado de uma romã fendida, quente do sol, a resumir delicias, entrevia uma bocca vermelha, donde sahissem as harmonias mysteriosas que brotavam das rosas abertas.

E passando das arvores, dos montes e das rosas aos animaes, descobria nelles graciosidades de linhas e movimentos, e, nos fructos, protuberancias e curvas.

De tudo se embelezaria a esperada creatura, a qual devia ter a fragilidade doce de um lyrio branco e a riqueza da *Arvore da Graça*, carregada de fructos.

Uma creatura que, ao tocar-lhe, na parte minima do corpo, com um sentido, acordasse, simultaneamente, os outros, para lhes dar todas as sensações.

Que bastasse olha-la para ter o beijo, a musica, o aroma e o abraço.

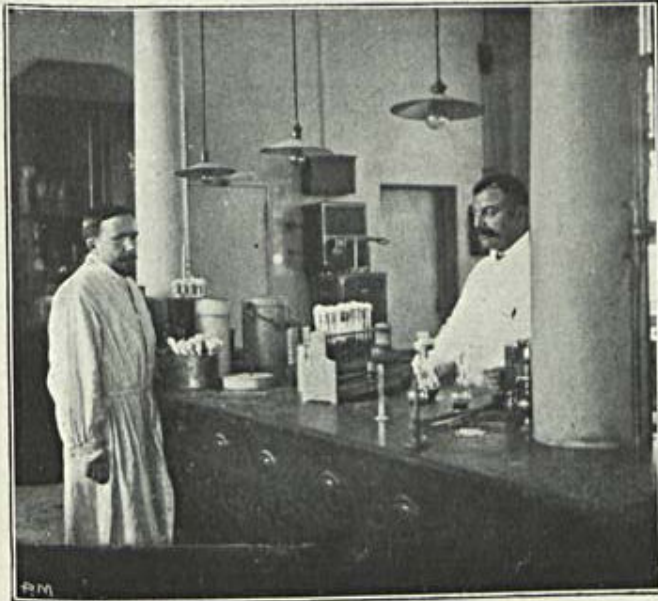
E subindo das formas materiaes á concepção de um espirito, Adão advinhou a alma feminina no ambiente do paraíso: uma emanção invisivel feita das doçuras do Eden, das substancias de todas as coisas moças e bellas, acabadas de crear, uma respiração imponderavel das seivas e das vidas, um halito, um espirito embebido de mil encantos, que todas as perfeições creadas desprendiam, no ar, como oração, em honra de Jehovah.

Adão entreviu o pae dos seres sorvendo nos labios este halito, este espirito — essencia do paraíso — para o infundir, como alma, no corpo da companheira.

E fechando os olhos para ver delinear-se e clarear a visão dentro de si, Adão deixava-se já tomar brandamente do somno, recostado n'um macisso de relva, quando junto d'elle perpassou, sorrindo, o Anjo que guardava o paraíso.

— E' esta! — gritou, erguendo-se alvoroçado.

E quiz prende-lo, estreita-lo ao peito nú.
Mas o anjo, benevolo, sorridente, esvalou-se-lhe nos braços
como um reflexo de mil luzes.
E Adão, ainda deslumbrado, deitou-se novamente, mergulhando,
agora, n'um somno pesado.



A febre typhoide em Lisboa — No Instituto Camara Pestana
O dr. Nicolau Bettencourt analysando as aguas
(Phot. de ***)

Teve um sonho, um sonho divino, tão infinitamente delicioso,
que nunca a sua lingua poude dizer-lo...

Quando acordou e viu Eva a seu lado, não lhe tocou, com
receio de a ver fugir.

Jehovah, com alegria e mansidão, falava-lhes do seu casa-
mento, e entregava-lhes os ceus e a terra como prendas de noi-
vado. Das suas barbas celestiaes, alvas, ondeantes, como de infinitas
cordas mysticas, tocadas de graça, desprendiam-se melodias side-
raes que embalsavam os mundos.

E enquanto Jehovah ia cantando a bondade e a belleza dos
seus dons, a cada maravilha cantada, Adão olhava a mulher, vendo
nella, reflectida, cada maravilha...

E nessa tarde de supremo encanto, em que Jehovah mostrou,
cantando, os rios e as serras, as estrellas e as rosas, os caminhos
dos homens e as orbitas dos astros, Adão apenas viu... a mulher.

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

Jesus

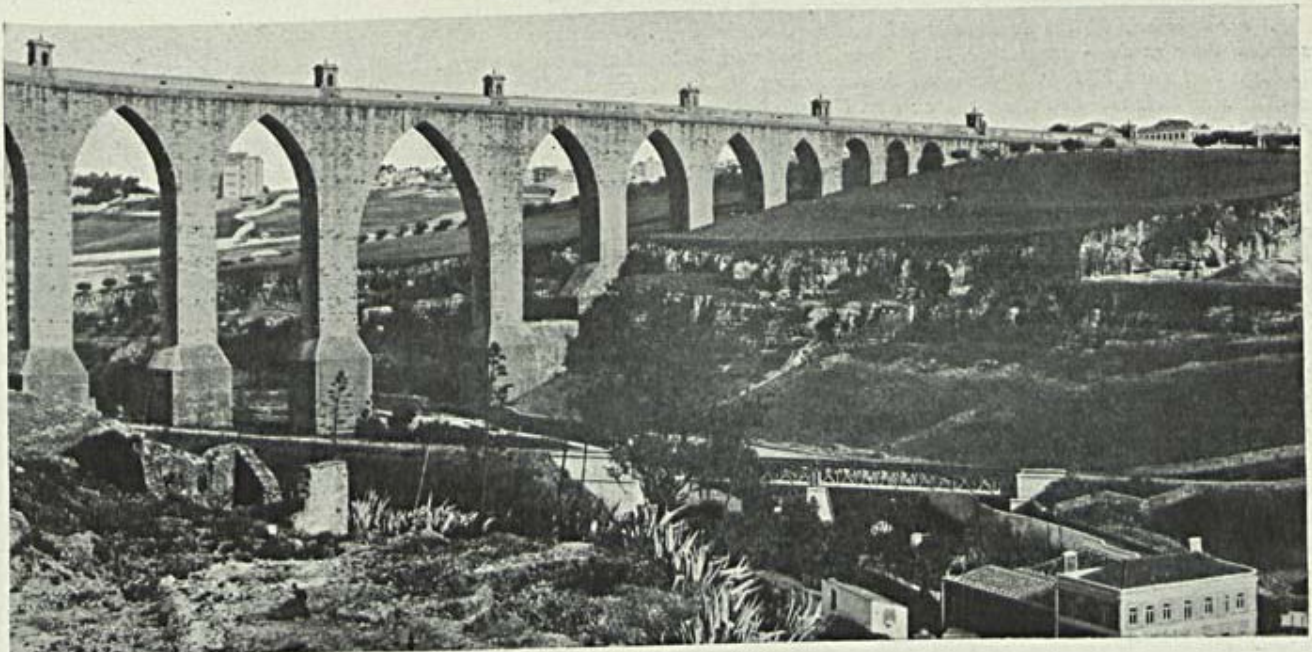
Não quero philosophia
Senão a tua, Senhor!
Liberdade, paz, amor;
Aurora de terno dia,
Aroma de terna flor!

Vindo as ondas da ambição,
Deste mundo, deste nada,
A turvar-me o coração.—
Do azul da tua alvorada,
Dás-me a piedade e o perdão!

Quando a sciencia chegar
Ao seu maximo poder,
Não tens cruz a reccar...
Todos, Jesus, te hão de ver,
Todos, Senhor, te hão de amar!

BULHÃO PATO

LISBOA



O aqueducto das Aguas Livres

— E' a outra!... — murmurou, lembrado do Anjo.
Mas, no ceu, soou a voz immensa de Jehovah.
Escutaram attentos.
Eva apoiou graciosamente a mão direita no hombro do primeiro
homem.

Uma cantora pergunta ao seu medico:
— E' verdade, doutor, que os ovos abrem a voz e facilitam a
sua emissão!
— Por certo, minha cara; repare nas gallinhas: assim que põem
o ovo começam a cantar.

Modo de cumprimentar de differentes povos

HA quem diga, e com certos visos de verdade, que o caracter dos povos se conhece pela maneira de cumprimentar.

No Oriente as formulas de cumprimentar teem como que um perfume de simplicidade primitiva. São quasi todas ellas baseadas n'um sentimento religioso e exprimem, em fórma de oração, o voto que a pessoa faz de que aquella a quem se dirige, disfructe tranquillidade e socego, soberano bem e a primeira das necessidades d'este mundo.

«Seja bom o teu dia, diz o arabe. Talvez sejas um feliz! Se Deus o quizer, tu estás bem!»

Os turcos fazem uma alta idéa da Providencia e invocam-n'a, não só nas suas relações sociaes, como nas circumstancias mais sollemnes da sua vida, mas as suas phrases parecem frias, quando as comparamos a essas torrentes de cumprimentos que nos atira o persa:

A phrase «não possa a tua sombra diminuir jámais», caracteriza bem o pensamento dominante do homem n'essas regiões abrasadoras, onde a luz brilha intensamente e as sombras se destacam nitidas, n'essas regiões em que o leque e o guardasol são insignias de alta herarchia.

CASAMENTOS ELEGANTES



A sr.ª D. Maria Helena de Almada e Lencastre (Sotto d'El-Rey)



Gonçalo Telles da Silva (Tarouca)

Differentes casamentos elegantes se realisaram em Lisboa nas proximidades do passado carnaval. Os primeiros foram no dia 12 de febreiro: o do distincto tenente de cavallaria sr. Gonçalo Telles da Silva (Tarouca) com a sr.ª D. Maria Helena de Almada e Lencastre (Sotto d'El-Rey) e o do sr. Manuel de Almeida e Vasconcellos (Lapa) com a sr.ª D. Cecilia Burnay da Cruz Sobral; seguiu-se-lhes o do sr. dr. Francisco Mendonça de Sommer com a sr.ª D. Maria Luiça Schroeter de Oliveira Pires, o qual teve logar no dia 14; e no dia 17 realisou-se o do sr. D. Nuno de Almada e Lencastre (Sotto d'El-Rey) com a sr.ª D. Isabel de Mello (Sabugosa).

A sr.ª D. Maria Helena de Almada e Lencastre e seu irmão D. Nuno, são filhos da sr.ª D. Marianna Ximenes de Almada e Lencastre. Descendem da casa dos Viscondes de Villa Nova de Sotto d'El-Rey, titulo creado em 1774, havendo mais em sua casa, além do senhorio de Villa Nova de Sotto d'El-Rey, os senhorios de Arminchoes, de Albergaria da Magdalena, do morgado dos Olivaeas, dos coutos de Abbadim e Negrellos, alcaidaria-mór de Palmella, etc.; o sr. Gonçalo Telles da Sylva além de official de cavallaria é filho segundo dos nobres Condes de Tarouca (a ex.ª sr.ª D. Eugenia Telles da Sylva Caminha e Menezes, dama honoraria de Sua Magestade a Rainha e 12.ª Condessa do juro e herdade e do sr. Sebastião Eduardo Pereira da Sylva de Souza e Menezes, Conde pelo seu casamento e filho dos nobres e fallecidos Condes de Bretiandos), estando aparentado com as casas dos Condes e Marquezes de Terena, Marquezes de Penalva e Marquezes de Alegrete, sendo irmão do actual senhor d'este titulo. A sr.ª D. Cecilia Burnay da Cruz Sobral é filha da sr.ª D. Cecilia Burnay Sobral e do sr. conselheiro Carlos de Vasconcellos da Cruz Sobral, e descende em linha recta de Joaquim Ignacio da Cruz Sobral que foi thesoureiro do Real Erario, fidalgo da Casa Real e 1.º morgado e senhor de Sobral de Monte Agraço, neto do general Francisco Maria Melchiades da Cruz Sobral, que se tornou notavel na defeza do castello de Vianna, e está aparentada com as familias dos Condes de Sobral, Mafra e Ficalho e ainda por sua avó com as casas Castello Melhor e Sampaio; o sr. Manuel de Almeida e Vasconcellos é filho primogenito da sr.ª D. Maria Luiça de Almeida e Vasconcellos e do sr. D. Francisco Lobo de Almeida Mello e Castro (Galvêas), ambos já fallecidos, e neto materno dos fallecidos e nobres Condes da Lapa, de quem é herdeiro do titulo. A sr.ª D. Maria Luiça Schroeter de Oliveira Pires é filha da sr.ª D. Alice Schroeter de Oliveira Pires e do nosso antigo collega na imprensa, illustre critico musical, sr. Pedro de Oliveira Pires, estando aparentada com a illustre familia Muños; o sr. dr. Francisco Mendonça de Sommer é filho da sr.ª D. Carlota Mendonça de Sommer, já fallecida, e do sr. Francisco Oliveira de Sommer. Como advogado, apesar da sua curta carreira, tem já um nome deveras notavel. Finalmente a sr.ª D. Isabel de Mello é filha da sr.ª Condessa de Sabugosa e de Murça e do Conde Mordomo-Mór e é por seu pae neta dos fallecidos Marquezes de Sabugosa (Antonio Maria José da Silva Cezar e Menezes e D. Maria do Carmo de Portugal de Menezes e Cunha) e está aparentada com os Morgados de Soure e da Ponte de Sór, Condes da Cunha, de Sampaio e de Barbacena, Marquezes de Marialva e Condes de Cantanhede, Marquezes de Castello Melhor, etc., e por sua mãe é neta de D. João José de Mello Abreu Soares de Vasconcellos Brito Barbosa e Palha, 3.º Conde de Murça, Par do Reino, cavalleiro da Ordem de Malta, etc., e da Condessa D. Anna de Souza Coutinho Monteiro Paim, filho do 1.º Marquez de Santa Iria e 3.º Conde de Alva.

As noivas ás suas formosuras porque todas são deveras formosas e gentis, aliam educações esmeradas e os noivos são todos elles bellos rapazes, muito e justamente queridos no meio elegante em que vivem. Foram, pois, quatro consorcios deveras auspiciosos os que se realisaram.

No Porto tambem se realisou no dia 8 um casamento deveras elegante. A noiva, sr.ª D. Maria Rebello Valente, uma das mais formosas senhoras da alta sociedade d'aquella cidade, é filha do sr. Alvaro Rebello Valente e o noivo foi o sr. Luiz Cabral, filho do illustre engenheiro sr. Affonso do Valle Coelho Cabral e como seu pae tambem um engenheiro distincto.

Os egypcios teem uma fórma de cumprimentar que está também perfeitamente de accôrdo com o seu clima: «Como vae a transpiração? Transpira muito?» E, com effeito, debaixo d'aquelle céu de fogo, a transpiração é a vida.

O cumprimento dos chinezes é delicadamente gastronomico: «Comeu o seu arroz? Como vae o seu estomago?»

O cumprimento grego é todo jovial e affectuoso: «Divirta-se».

O cumprimento dos romanos primitivos era baseado na idéa da força corporal: «Salvè, passae bem, sêde forte!»

Os genovezes dizem: «Saude e ganho».

«Crescite in santità», diz o napolitano devoto.

«Sou vosso escravo», diz o piemontez.

«Ide com Deus», murmuram os hespanhoes.

«Como vae?», dizem os francezes.

O cumprimento ordinario do allemão, é: «Como vae elle».

Elle e não você.

O cumprimento authenticico do hollandez, é: «Como viaja?», fórmula que caracteriza o espirito commercial d'este povo.

Os dinamarquezes empregam o «Viva bem!», que parece indicar habitos positivos.

Na Suecia, diz-se: «Deus seja louvado!»

Os inglezes, usam: «Como passa?» e o escossez: «Como vae tudo lá em casa?»

A raça slava tem por fórma ordinaria a palavra *nui* (paz).

Na Polonia, emprega-se, falando a um superior, uma phrase, cuja traducção litteral é a seguinte: «Cahimos a seus pés!»

Se reunissemos no mesmo recinto habitantes das diversas regiões da terra, e que cada um cumprimentasse a seu modo, assistiriamos a scenas infinitamente desopilantes.

O habitante de Palaos e o natural de Lemurec pegariam reciprocamente n'um dos pés e com elle esfregariam a cara.

O insular de Socotorá beijaria o hombro d'aquelle que quizesse cumprimentar e o habitante de Horuc deitar-se-ia no chão, de barriga para baixo.

O marianez passaria a mão sobre o estomago do ayenis e este assoprar-lhe-ia no ouvido, enquanto que o habitante das grandes Cyclades lhe deitaria agua sobre a cabeça.

Uma mulher da Costa do Ouro, querendo cumprimentar a assistencia, tiraria o pente de dois bicos que usa na cabeça. Um japonéz descalçaria as pantufas. Um laponio encostaria com força o seu nariz na testa do seu camarada; um chinez approximar-se-ia mexendo as duas mãos cruzadas sobre o peito e diria baixando um pouco a cabeça: «Tsin, tsin».

Todos se ririam sem duvida uns dos outros. Cada um julgaria a sua maneira de cumprimentar mais simples e natural.

E nós, a quem estes diversos usos parecem tão ridiculos, consideramos talvez muito rasoaveis se d'elles conhecessemos o verdadeiro significado.

Entre dois homens que o fado
Juntou, nenhum delles diz,
Mas cada um ha porfiado
Com o outro em ser mais feliz.

Depois... Nenhum delles diz,
Mas cada um, desanimado,
Já se julga bem feliz
Com ser menos desgraçado.

A conspiração monarchica



Capitão de artilharia Luiz Ferreira

Condemnado pelo tribunal das Trinas em 6 annos de prisão maior celllular e 10 de degredo, ou 20 annos de degredo, e ha pouco absolvido pela Relação, encontrando-se presentemente no estrangeiro.

LENDAS INDIANAS

Flores da India

PARISATHY

O principe Parpatha tinha uma filha linda que se enamorou do Sol. Não havia n'estas terras mulher mais graciosa, cabellos mais negros e mais luzidios e mais fartos, olhos de tão vivo fulgôr, de reflexos mais entontecedôres, fórmas de mais belleza e correccão. Dir-se-hia que o Pae dos deuses reunira n'ella, como n'uma estatua de inteira perfeição, moldada pela sua mão de mestre, tudo o que havia de mais seductor esparso pelas mais bellas huris.

O Sol enamorado fitava-a do seu throno resplandecente, envolvia-a na caricia dominadôra do seu olhar de fogo, que se amansava como o de uma victima diante do algoz. E ella, a angelical Parisathy, sentia que sem os magos effluvios d'essa luz não poderia viver.

Mas não ha bem que sempre dure. E o Sol um dia esqueceu-se nos braços de outro amor de a vir beijar. E mais um dia e mais outro, e outro e muitos, o Sol não se lembrou da pobre Parisathy.

Como o amor é triste e como o amor mata! Ella, a florescia da vida e da graça, o botão mal desabrochado, começou a definhar, a emmar-checer, e afinal n'uma noute de luar tão triste como a sua alma, ella morreu. Tão nova, tão linda, as brisas perfumadas a choraram e a propria natureza insensivel se commoveu. O Sol no seu throno de ouro e pedrarias mal se lembrava da linda princezita de sonho que ella fôra e apenas teve para a amante uma pequenina compaixão. Nem uma lagrima deslizou pela face do ingrato, rociou a aridez do seu coração.

Pobre Parisathy; que mal empregado o teu amor immenso como as montanhas do teu paiz e ardente como o clima da tua patria. Pobre Parisathy, que assim succumbiste á dôr de não ser amada, martyr d'esta vida ignôra em que os bons de balde se torturam pelas culpas dos outros!...

No logar onde o seu mimoso corpo, assolado pela desventura, se desfêz em cinza, envolto no capitoso aroma do sandalo, na sombra da noute uma planta brotou, cresceu e desabrochou em como a recordar cada uma um pensamento da pobre Parisathy. Arvore tão triste e tão dorida que logo ao romper das brumas da noute, aos primeiros clarôres vermelhos do Sol, espalha sobre a terra humida todas as suas flôres — como protesto de rancôr ao ingrato ou como preito ao unico senhor do coração da virgem, ninguem o sabe.

Arvore triste chamaram-na os botanicos *Nyctanthes arbor tristis*, Garcia da Orta), arvore de flôres de aroma suavissimo que só de noute se abrem para viver menos ainda do que viveu a flôr da illusão de ser amada na alma virginal e rara da purissima Parisathy, és o monumento de quantos martyrios ignorados, de quantos amôres assassinos como este que tão cedo levou para a voragem da Morte a graciosa princeza india.

O' louca Parisathy, eu nunca serei o teu Sol...

India, Janeiro de 1908.

(D'um livro inédito).

JOSÉ MANOEL DA COSTA.

— Não creia o senhor que eu sou tão tolo como pareço.
— Oh! não; isso seria demasiado.

RAYMUNDO CORRÊA.

POESIA

O Céu

Discutia-se o Céu.

Um philosopho disse, e muito a serio,

— *O Céu é um mysterio!*

E, triste, emudeceu.

Um poeta gentil de roseas côres

Suspirou enleado: — *O Céu, senhores,*

O Céu é a morada

Dos anjos, e é um anjo a Bem-Amada!...

Um sceptico a seu tempo

Grave, calvo e soturno,

Rosnou explicações:

— *O Céu é uma linda illusão doce,*

A avó das illusões,

Sopra-se-lhe ao de leve .. e evaporou-se!

Um padre, de cabeça alva de neve,

Sorria ouvindo o sceptico; e mais leve

E doce que a carícia de uma palma

Sua voz murmurou: — *Pois, filhos meus,*

O Céu, o gózo eterno, o summo bem

Cada christão que é bom em si o tem.

E' o coração em paz, a propria alma

Se p'ra morada sua a elege Deus.

Um sabio, professor materialista,

Homem falando sempre de retortas,

D'acções e reacções, um fatalista,

A alma fria como cousas mortas,

Interrompeu o cura:

— *Qual!? o azul do céu é a grande altura,*

Do ar columna espessa,

Quarenta leguas

Sobre a nossa cabeça,

E para além o eterno vacuo, o infinito

Com astros a brilhar;

E tenho dito.

Foi então que eu,

A meia voz, solícito mas breve

Te interroguei — *Que pensas tu do Céu?*

E tu, tomando as minhas mãos morenas

Nas tuas mãos de neve,

R.spondeste-me apenas:

— *Que sei eu!*

Amar e ser amado

Como nós nos amamos é o Céu!

Amar e ser amado!...

(Do livro Inedito de Mariano Graças — *A Bília do Amor*).



O Egypto

A historia do Egypto perde-se na noite dos tempos, para usar a phrase consagrada, e muito pouco conhecemos d'ella. Outr'ora foi o centro da civilisação do mundo e quando cahiu sob o dominio dos persas, no anno 525 antes de Jesus Christo, já o Egypto contava 5.000 annos de historia. Já então seguia no declive da decadencia d'uma civilisação brilhante

EGYPTO



Uma porta d'um templo em Karnak (Alto Egypto)

que teve um cunho especial de grandeza, que ainda hoje podemos admirar nos colossaes monumentos-que nos legou e que espantam pela audacia da concepção e harmonia de proporções. Todas as manifestações d'essa antiquissima civilisação são grandiosas, parecendo que a arte egypcia, sem lhe faltar a sciencia nem a imaginação, se propunha sobretudo a impressionar pela imponencia das dimensões, pela duração, pela grandeza.

No seu principio o Egypto foi uma theocracia. Tribus nomadas, vindas não se sabe bem d'onde, fixaram-se no territorio e fundaram a cidade de Thebas. Eram governadas por padres que constituíam a casta superior, seguindo-se-lhe a casta dos guerreiros e depois a da nação trabalhadora e soffredora, oprimida pelos padres e contida na ordem pelos guerreiros.

Um dia, porém, um guerreiro mais fogoso, Menés, pôz-se á frente dos seus, revoltou-se contra os padres, instituiu a realza pharaonica. Passou-se isto 6 000 annos antes de Jesus Christo e durante 3.800 annos succederam-se os reis e as dynastias, alargando os limites dos seus dominios, cujo progresso caminhava a passos agigantados e ficava attestado em grande numero de formidaveis monumentos, entre os quaes as celebres pyramides de Dakschour, Sakkarah e Gizeh, tumulos dos Pharaós, construidas no tempo da terceira dynastia.

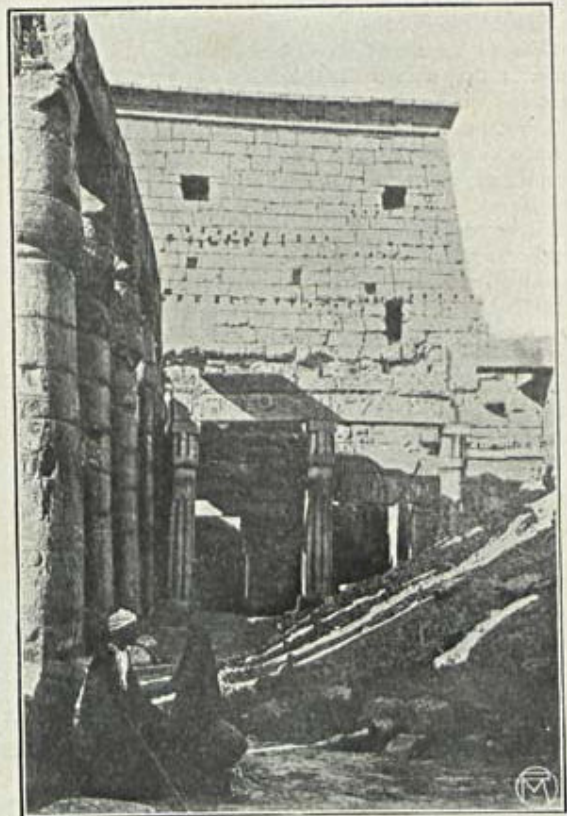
Mas, 2.200 annos antes de Christo, uma invasão de hordas asiaticas destruiu as cidades, arrazou ou mutilou os monumentos, expulsou os Pharaós, collocando no throno, com o mesmo titulo, o seu chefe. Foi o quarto d'estes novos Pharaós que teve como ministro o celebre José, filho de Jacob, o qual pela sua administração honesta, intelligente e sensata, fez reinar no Egypto a abundancia e o bem-estar e depois chamou para alli seus irmãos que constituíram o tronco do povo hebreu.

Passados tempos, uma revolta, capitaneada por um descendente dos antigos Pharaós, Ahmés, expulsou os usurpadores, dedicando-se inteiramente, assim como os seus descendentes, ao progresso do seu paiz, reconstruindo os monumentos, executando colossaes trabalhos de irrigação, comprehendendo expedições longinquas, com as quaes submetteram ao seu dominio a Syria, a Babilonia, a Abyssinia e o Sennaar. Foi a epocha aurea do Egypto, cuja phase mais brilhante se produziu no reinado de Sesostris, ou antes Ramsés III, em que as armas egypcias, victoriosas, chegaram ao norte das Indias.

O Egypto foi depois por muito tempo ainda um paiz florescente, mas a decadencia foi-se accentuando, e, no reinado de Psamettico II, Cambyses, rei dos persas, conquistou-o. O Egypto recuperou a sua independencia 111 annos mais tarde, mas não pôde reaver o seu antigo esplendor e a sua força, de modo que 60 annos depois cahia de novo sob o jugo persa.

No anno 332, antes de Jesus Christo, a espada flammejante de Alexandre Magno subjugou a monarchia persa e com ella o Egypto. Um dos generaes d'este grande conquistador, depois da sua morte, fez-se proclamar, em Alexandria, rei do Egypto, fundando a dynastia dos Ptolomeus, que reinou por mais de tres seculos até á incorporação do paiz no imperio romano, no tempo de Cleopatra, ficando pertencendo ao imperio do Oriente por morte de Theodosio. No anno 640 foi o Egypto conquistado pelos arabes que queimaram a riquissima bibliotheca de Alexandria, e sob o imperio do Islam ficou desde então, conhecendo varios senhores.

Foi no tempo em que alli reinavam os mamelucos circassianos que appareceram os portuguezes na India, prejudicando com o seu trafico o commercio egypcio, do que resultou auxiliar muitas vezes o Egypto os *rajahs* indianos nas suas luctas contra nós, bem como a Turquia, em cujo poder cahiu aquelle paiz em 1547. Os turcos ameaçavam então invadir o occidente da Europa, mas vendo-se obrigados a enviar varias expedições contra os portuguezes na



Egypto — Ruínas do templo de Louqsor (Alto Egypto)

India, que os ameaçavam pela rectaguarda, não poderam avançar no continente europeu, e foi esse por certo um dos maiores serviços que nós prestámos á civilisação com o descobrimento do caminho para a India.

Na segunda metade do seculo XVIII, o pachá do Egypto, Ali-Bey, proclamou a sua independencia, mas assassinado por Mourad e Ibrahim, ficaram estes, senhores do paiz. Poucos annos depois

invadia o Egypto a expedição franceza commandada por Bonaparte, que na celebre batalha das Pyramides o submetteu completamente.

O dominio francez durou pouco e, depois de alguns annos de luctas e discordias, appareceu em 1806 um verdadeiro homem de

O Egypto é um paiz de 400.000 milhas quadradas, de superficie, com 10 milhões de habitantes musulmanos, 620.000 christãos coptas e 110.000 europeus.

N'essa area não se inclue o Soldão anglo-egyptio, que em 1882,



Egypto — *Colossos de Memnon — Thebas (Alto Egypto)*

estado, Mohammed Ali, que, assenhoreando-se do throno, promulgou medidas de extraordinario alcance e que transformariam por completo o Egypto se os seus successores tivessem proseguido n'essa obra reformadora e salutar, organisou um exercito e uma marinha que, em guerra contra a Turquia, sahiram victoriosos, conquistando as ilhas de Chypre e Creta e a Syria, e conquistariam Constantinopla, se a Europa não tivesse intervindo, obrigando Mohammed Ali a restituir as suas conquistas, dando-lhe em troca o reconhecimento do sultão da hereditariedade da sua familia no throno do Egypto.

Um dos seus successores, Ismail Pachá, obteve mais tarde da Turquia o titulo de khediva, que ainda hoje usam os vice-reis do Egypto os quaes, antes do protectorado inglez, gosavam d'uma quasi completa independencia, pois que a suzerania da Turquia apenas se fazia sentir na obrigação do pagamento annual d'um tributo e na investidura dos khedivas, o que era mera formalidade.

O descalabro das finanças, após a morte de Mohammed Ali, cujos successores não possuíam os predicados d'aquelle notavel organisador, avolumando-se successivamente, deu em resultado a falta de pagamento dos juros da divida externa, e, como consequencia, a perda total do credito nas praças da Europa e a intervenção d'uma das potencias mais directamente interessadas.

Em 1882 bombardeou a Inglaterra os fortes de Alexandria e pouco depois tomava conta da administração do Egypto, com o pretexto de pôr em ordem as finanças d'aquelle mal administrado paiz. A França, que não quiz associar-se á intervenção, quando viu a Inglaterra de posse do Egypto, protestou por vias diplomaticas, mas o governo inglez, prometendo sempre a evacuação, foi-se deixando ficar. Nos ultimos annos a França e a Inglaterra fizeram um accordo regulando todas as questões entre ellas pendentes e no qual, entre outras coisas, a primeira acatou os factos consummados no Egypto a troca do reconhecimento da sua supremacia na regulação das questões marroquinas.



Egypto — *Fachada do templo de Denderah (Alto Egypto)*

em consequencia d'uma revolução capitaneada pelo Madhi, se separou do Egypto e em 1897 foi reconquistado pelo exercito anglo-egyptio, o qual tem uma superficie de 1.001:800 milhas quadradas, com 5 milhões de habitantes, constituindo um protectorado britannico exercido por intermedio de um governador geral residente em Kartum.

O Egypto vive do Nilo, podendo dizer-se mesmo que se reduz ao extenso e fértil valle d'aquelle rio. Para leste, para além dos montes Arabicos, sobre o Mar Vermelho, é de uma aridez triste, de aspecto uniforme, onde só de espaço a espaço cresce a urze; para oeste, para além dos montes Lybicos, o deserto estende-se a perder de vista sob os raios do sol ardentissimo.

Entre as duas serras, das quaes a Lybica se ergue sobranceira sobre o rio e a outra sobe em declive dóce para as bandas do Mar Vermelho, erguendo-se, porém, no horisonte em picos abruptos, corre o Nilo, o rio sagrado, fonte perenne de riqueza, fertilizando as terras com as suas cheias periodicas, estendendo desde o solsticio do verão ao de inverno, o seu immenso lençol d'agua sobre todo o valle.

Sem isso nada produziria a terra no Egypto, sob uma eterna secura, n'um clima avaro de chuvas, aggravado de vez em quando por cinco dias successivos de sirocco, que, soprando do deserto ardente, converte a atmosphaera egypcia n'uma verdadeira fornalha.

Mas devido á acção protectora do Nilo, a agricultura é a prin-



Egypto — *Alexandria — A esphyngue*

principal fonte de receita do Egypto. O commercio é representado por 9.214.000 libras de importação e 12.729.000 libras de exportação, na qual o algodão tem logar preponderante.

As receitas orçam por 10.865.000 libras das quaes é preciso deduzir 665.041 de tributo á Turquia, que a Inglaterra tem feito pagar integralmente, e a dívida publica monta a 103.863.000 libras.

As cidades principais do Egypto são o Cairo e Alexandria. A primeira é a capital do Estado e a segunda o seu principal porto de commercio. O Cairo tem 600.000 habitantes e é a maior cidade africana e a maior das cidades arabes, a 1.800 metros do Nilo, da qual se elevam magestosamente cêrca de 400 minaretes, avistando-so de longe acima das casas que bordam as ruas tortuosas, estreitas e sombrias, mas frescas, a ramaria de centenaes de cyprestes e coqueiros. Lá muito ao longe, no horizonte, para as bandas de Gireb, as pyramides, — colossaes monumentos, 40 vezes seculares, os mais antigos que a humanidade conhece, guardando nos seus antros labyrinthicos as mumias dos pharaós e dos animaes considerados outr'ora pelo povo egypcio como deuses. A maior, a de Cheops, mede 137 metros de altura, dizendo-se que n'outro tempo tinha 150, e representa um volume de pedra de 2,5 milhões de metros cubicos. Um pouco mais a montante do Nilo, perto do logar onde outr'ora se elevou a cidade de Memphis que herdou de Thebas a primazia sobre as cidades do paiz, no limite de bellas e vastas florestas de coqueiros e tamareiras, ergue-se sobranceira ás primeiras dunas do deserto a pyramide de Sakkarah, a mais antiga de todas, tumulo dos Pharaós que de Memphis fizeram a sua capital.

Ao largo das pyramides ergue-se a Esphinge, enorme face humana sobre um começo de tronco, hoje um pouco arruinada pela velhice, muitas vezes secular, esboçada pela natureza n'uma rocha de grés e aperfeiçoada pelo homem.

Alexandria é uma bella cidade de 320.000 habitantes de diferentes nacionalidades, arabes, levantinos, gregos, italianos e fran-

Outras cidades ha ainda no Egypto relativamente importantes, como Tanta, de 57.000 habitantes, Damietta, de 31.000 habitantes, e as que surgiram ou prosperaram, como por encanto, apoz a



Egypto — Cairo — A cidadella



Egypto — Alexandria — Palacio do Ras-el-Tin



Egypto — Alexandria — A praça de Mohammed-Ali

cezes, edificada entre o Mediterraneo e o lago Mareotis, na embocadura do canal de Mahmoudieh, um dos que formam o delta do Nilo.

E' um porto commercial de grande movimento.

abertura do canal de Suez; Port Saïd, por exemplo que tem o aspecto de uma enorme feira permanente, Ismailia á borda dos Lagos Amargos, cercada de palmeiras, tamareiras e coqueiros, como um oasis no deserto de areia, que se estende a perder de vista dos dois lados do canal, e Suez na embocadura do canal do lado do Mar Vermelho.

Ao sul do Egypto, propriamente dito, estende-se a Nubia, banhada pelo Nilo, que torna fecundissima a terra sob um calor torrido que chega muitas vezes a 50° á sombra, dizendo-se até que sobre a areia, sem outro calor que o do sol, se pôdem fazer cozer os alimentos.

Mas se o calor é assim ardente duran-

te o dia, de noite faz um pouco de frio pelo predominio do vento norte.

Fóra do valle do Nilo é a mesma aridez do Egypto, a tal ponto que dos seus 25 a 30 milhões de hectares de superficie, só 380.000 hectares são habitaveis e lá vive com effeito uma raça de negros proveniente das que primitivamente habitavam o paiz, a Nuba, a Barabra do Norte e a Barabra do Sul, cruzadas com os arabes, raça cujas raizes mergulham na Arabia, Ethiopia e no antigo Egypto, ainda indecisa, mas que a pouco e pouco se vae caracterizando pela sua fé no Islam e pelo uso da lingua arabe.

O Soldão estende-se para além da sexta cataracta do Nilo, em plena região das chuvas, onde o deserto cede o seu logar a extensissimos prados, a florestas e a *steppes* sem fim. Sente-se por toda a parte a proximidade da Africa equatorial no meio das palmeiras, coqueiros e bananeiras. Ouve-se já alli o rugir do leão, dá-se caça ao elephante, receia-se o rhinoceronte, persegue-se pertinazmente o crocodillo e caça-se o hippopotamo.

A região é habitada pos diversos povos negros, como os Chillouks, Denkas, Baris, etc., agueridos, valentes e destemidos que sacudiram o jugo dos egypcios e supportam hoje ainda de má vontade os inglezes que os submetteram depois de uma rude campanha.

A capital do Soldão é Kartum, cidade outr'ora muito florescente, depois decahida da sua grandeza e que hoje vae renascendo rapidamente para o progresso, sob a administração sabia e sensata dos inglezes.

Pois qué! O mundo que mais perto de nós se encontra será um globo deserto e gelado, onde não possa existir qualquer ser que admire o nosso planeta, grandioso e radioso astro, eternamente immovel no seu negro céu?



Egypto — Alexandria — Estatua de Mohammed Ali

Tem uns 50.000 habitantes e está edificada n'uma magnifica situação, um pouco acima da confluencia do Nilo Azul e do Nilo Branco, exactamente na extremidade da península de Sennaar, formada pelos dois rios.

O Kordofan e o Darfur são vastissimas regiões dependentes do Soldão, steppes immensas ainda pouco conhecidas, onde vivem alguns milhares de negros, á maioria dos quaes não chegou ainda o ensino do Alcorão e que se entregam de preferencia á criação de gados. Do Kordofan era natural o Madhi, que tanto deu que fazer ás armas inglezas.



Egypto — Alexandria — Palacio da Bolsa

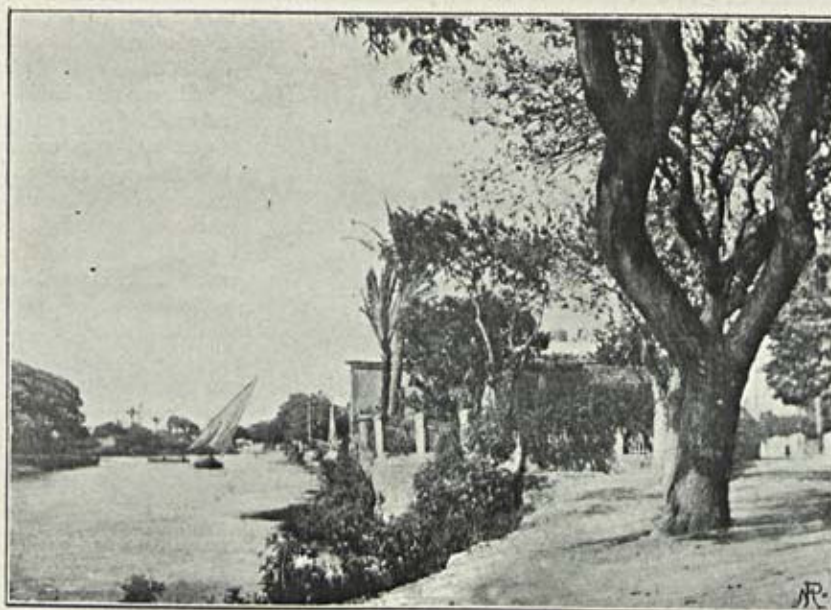
Que pena que isso nos causa! A proximidade relativa da Lua permitiria talvez que um dia viessemos a communicar com os seus habitantes por meio de signaes e talvez chegassemos a entender-



Egypto — Um aspecto do Nilo proximo de Alexandria

A LUA

QUE se passará no astro, nosso fiel companheiro na peregrinação pelo espaço, como será constituído? N'aquelle globo, no disco prateado e brilhante que de noite nos apparece no firmamento, a repartir carinhosamente comnosco um pouco de luz que do sol recebe, haverá vida, calor, agitação, movimento, ou a desolação e solidão selvagens, o silencio absoluto e eterno? Não se sentirá alli o menor sopro, não serpenteará nas suas planicies o mais tenue filete de agua, não palpitará qualquer manifestação de vida por mais insignificante que seja?



Egypto — Outro aspecto do Nilo em Alexandria

nos. Infelizmente, porém, as observações mais minuciosas feitas até hoje pelos astrónomos não deixam subsistir duvidas. A Lua, depositaria fiel dos segredos dos amantes, ré innocente de todos os maleficios que lhe attribue a credence popular, é um globo condemnado para todo o sempre á esterilidade, pelo menos na parte que é visível da Terra, pois, como é sabido, a Lua volta para nós sempre a mesma face e uma parte da sua superficie, um pouco menos de metade, ficará, por isso, por toda a eternidade occulta a nossos olhos, invisível, mysteriosa.

Quem haverá ahi, porém, que em horas de melancolia não tenha observado curiosamente esse brilhante e radioso disco, sombreado por ligeiras manchas, agrupadas de modo

a imprimir-lhe uma flagrante semelhança com uma face humana que, ora nos sorri alegre e consoladoramente, ora se nos apresenta com parecer irritado, de sobreceño carregado?

Essas nodos escuras são apenas extensas planícies, entre montanhas altíssimas que impedem que o sol as illumine completamente, e a que os primeiros selenographos impropriamente chamaram *mares*. Impropriamente, sim, porque á superfície do globo lunar, sobre o qual parece pesar implacavelmente a maldição de Deus, não ha a menor parcella de agua. Por toda a parte a aridez, uma payzagem, de aspecto grandioso e phantastico, é certo, mas selvagem; por toda a parte a desolação e a morte... A morte, não, porque seria necessario admitir uma vida anterior e a configuração regular e circular das montanhas que parecem ter conservado sem modificação alguma o aspecto rude e primitivo, não permite suppór que em qualquer epoca anterior ellas tivessem soffrido a acção dos ventos e da agua, sendo de crêr que a Lua foi sempre, desde a epoca do seu resfriamento, aquillo que é hoje, um globo completamente desprovido de gazes e de liquidos. Em vão se tem procurado descobrir qualquer vestigio, pequeno que fosse, d'uma atmosphaera que fizesse suppór uma vida anterior que talvez se continuasse ainda presentemente no fundo das planícies mais baixas ou das numerosas fendas que sulcam a superficie do nosso satellite. Nada tem sido descoberto que auctorise tal supposição.

Não foram, porém, completamente infructiferos os esforços empregados n'esse sentido, pois que, se nada se obteve de positivo relativamente ao fim que se tinha em vista, pôde pelo menos verificar-se que á superfície da Lua não ha uma immobilidade e immutabilidade absolutas. A cratera de Linneu, por exemplo, ha proxivamente um seculo que muda singularmente de aspecto, e as duas crateras de Messier tem modificado successivamente a sua posição relativa, o que demonstra que no globo lunar não terminou ainda completamente o trabalho geologico.

O grande numero de observações effectuadas permittem desenhar com toda a exactidão a carta da superficie lunar visivel da Terra. Para observar directamente na superficie lunar muitas das suas particularidades, não é necessario um instrumento de grande potencia. Com um bom oculo maritimo, um binoculo mesmo, já podemos perceber os contornos dos grandes *mares*, alguns dos quaes se distinguem mesmo a olho nú.

Devemos accrescentar que a imagem se nos apresenta invertida, tal como a vemos atravez do óculo, ficando o Oeste á esquerda, porque os pontos cardeaes são referidos á Terra. Se fizessemos girar a imagem de modo que o Norte ficasse para cima, o Oeste ficaria á direita, contrariamente ao que succede nas nossas cartas geographicas; é realmente oeste para nós, mas para qualquer pessoa collocada na Lua, esse bordo seria na realidade o oriental.

Posto isto, sem tentarmos sequer fazer uma descripção da superficie da Lua, seguiremos no entanto o leitor n'uma rapida inspecção á parte occidental da Lua. Na parte noroeste, em baixo e á esquerda, vê-se perto do bordo exterior do disco o Mar das Crises, enorme planície cercada das mais altas montanhas que tem a Lua, as quaes em alguns pontos attingem alturas superiores á do Monte Branco terrestre. E' visivel a olho nú, passados cinco dias depois da lua nova, apresentando-se-nos sob uma fôrma oval,

mais alta que larga. O fundo da planície é mais baixo que o das planícies circumvisinhas. Cerca do terceiro dia depois da lua cheia vê-se, porém, muito melhor, quando a luz atravessa de leste para oeste e as montanhas occidentaes vão pouco a pouco mergulhando na sombra, apparecendo apenas os seus altos cumes illuminados como pequenos ilheus de luz no meio da obscuridade que vae invadindo a superficie lunar. Acima do Mar das Crises e um quasi nada sobre a direita, estende-se a grande planície a que se deu o nome de Mar da Fecundidade, separada, ao norte, do Mar das Crises por uma cadeia de altas montanhas, a nordeste do Mar da Tranquillidade, pela grande cratera Tarentius e o pequeno monte Secchi. O Mar da Fecundidade é duas vezes maior que o das Crises, e, como não é cercado de tão altas montanhas como este, é mais difficil de observar a olho nú, apresentando-se nos como uma mancha vaga e indefinida. No meio do Mar da Fecundidade cenontram-se as duas crateras Messier, a que já nos referimos.

THEATROS

THEATRO DA AVENIDA — *Casta Suzana*



2.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

Acima d'este *mar* e ainda um pouco sobre a direita, vê-se o Mar do Nectar, quasi tão grande como o das Crises, fechado ao sul por uma especie de bahia semi-circular, formada pela cratera meia destruida de Fracastor e limitada a noroeste por uma cadeia de montanhas chamadas Pyreneus. Para o sul do Mar do Nectar estende-se uma vasta região quasi plana e a leste a cadeia dos montes Altaí, que n'uma extensão de 450 kilometros tem 4:000 metros de altura.

Ao norte da região do Mar do Nectar, estende-se o Mar da Tranquillidade, immensa planície mais extensa que o Mar da Fecundidade que lhe fica a sudoeste e que ella liga ao Mar da Serenidade.

Faz parte da vasta região pardacenta que a olho nú se distingue no alto do quarto crescente.

A nordeste do Mar da Tranquillidade encontra-se o da Serenidade, immensa planície quasi circular no centro da qual se elevam tres pequenas crateras, uma das quaes, a de Linneu, tem sido objecto de numerosissimas observações e á qual já acima nos refe-

rimos. Parte da montanha parece ter desabado e ter-se enchido a cratera.

São estes os principaes Mares da superficie lunar, aquelles que tem sido objecto de maior numero de observações. Ha ainda outros que o leitor pôde observar n'uma carta lunar, como o Mar dos Vapores, o Mar das Chuvas, o Mar dos Humores, o Oceano das Tempestades, etc. Acompanhar o leitor n'essa observação, levar-nos-ia muito longe, e o nosso fim foi apenas dar-lhe uma ideia geral do aspecto da superficie da Lua.

MAXIMAS

POR

ROUCHEFOUCAULD

O perfeito valor consiste em fazer sem testemunhas tudo quanto nós seríamos capazes de fazer deante do mundo inteiro.

Muitos homens expõem-se sufficientemente na guerra para salvar a honra, mas poucos tanto quanto é necessario para se conseguir aquella por que assim se expõem.

O egoismo nunca reina tão absolutamente como no amor; estamos sempre promptos para sacrificar a paz dos que adoramos antes que perder a menor parte da nossa.

A vergonha que resulta do elogio que não merecemos faz-nos muitas vezes fazer cousas que de outro modo nunca teríamos tentado.

Somos tão predispostos em nosso favor que muitas vezes tomamos por virtudes aquelles vícios que mais se lhe parecem, e que são ardilosamente disfarçados pelo egoismo.

A nossa propria vaidade é que torna a dos outros intoleravel.

Se a vaidade não destroe as virtudes fal-as vacilar.

Entramos sempre noviços nas diferentes edades da vida, e sem experiencia, embora tenhamos tido muitos annos para adquiril-a.

A idade não dá necessariamente experiencia, nem a dão mesmo os preceitos, nem a dá nada senão a pratica e conhecimento das coisas. Por isso muitas vezes vemos aquelles que não tiveram oca-

sião de dar curso ás suas paixões juvenis na mocidade, entregar-se a ellas desenfreadamente em annos já serodios com todos os symptommas da mocidade, menos a capacidade.

Tão leviana é a maneira porque se julgam as coisas, que acções e palavras banaes ditas e feitas de certa maneira, com certo conhecimento do que vae pelo mundo, grangeiam muitas vezes exito muito maior que grandes capacidades.

As mais violentas paixões teem as suas intermitencias, só a vaidade não nos deixa nunca descansar.

A razão é sempre lo-grada pelo coração.

Ninguém que nunca se achou em perigo pode responder pela sua coragem.

O desejo de parecer habeis muitas vezes nos impede de o ser.

Pessoas ha tão conscientes da sua fraqueza que fazem da fraqueza força.

THEATROS

S. Carlos — Republica —
Pirmerose, peça em 3 actos de Robert de Fiers et Gaston de Caillavet, traducção de Barreto — **Avenida —**
Casta Suzana, operetta em 3 actos de Ochontowsky, traducção de Accacio Antunes, musica de Jean Gilbert.

Que pena o publico não corresponder aos esforços que fez a empreza

Boceta & Callejas para lhe agradar, para o attrair!
Este final de época assignala-se pela apresentação de alguns dos melhores artistas de canto que hoje pisam os palcos europeus.

Gagliardi, Viñas, Macnez, são artistas feitos, de reputação mundial, e a empreza apresentando-os em S. Carlos quiz honrar as tradições do nosso primeiro theatre e chamar o publico esquivo que nem para admirar a prodigiosa artista sr.^a Mazzoleni accorreu á sua noite de despedida, em que ella cantou divinamente a *Aida*.

Nas ultimas noites tivemos a soberba partitura de Wagner *Tristão e Isolda*, a *Manon* de Massenet e a *Tosca* de Puccini.

Na primeira d'estas operas tiveram as honras do desempenho a sr.^a Gagliardi, o tenor Viñas e o barytono Challis. A sr.^a Gagliardi, que já ouvimos na mesma opera ainda inexperiente, é hoje uma cantora e uma actriz de primeira ordem. O sr. Viñas apesar de ter engordado muito conserva a sua bella voz e dirige-se com mestria.

Foi-nos bem agradável a reaparição d'estes dois artistas.
Na *Manon* estreitou-se o tenor Macnez, artista de bella figura e linda voz, sabendo conduzil-a de tal fórma, com tal arte, com tanta doçura e docilidade que no 2.^o acto, na encantadora scena do *sonho*, o publico entusiasmado pediu-lhe a repetição d'esse lindo trecho accedendo gentilmente o distincto artista. Fez-se tambem applaudir n'esta opera a sr.^a Mattini.

THEATRO DA AVENIDA — Casta Suzana



3.^o acto

(Phot. de A. C. Lima)

Na *Tosca* continuou o sr. Macnez a merecer os justos applausos do resumido publico que o ouviu.

A sr.^a Crestani e o sr. Ancona foram irreprehensíveis.

Todas estas operas foram postas com propriedade e os côros não desafinaram tanto como nas primeiras noites. Conjugou-se tudo para o bom exito, só o publico é que se conservou indifferente e retrahido.

Não podemos pois dar os parabens á empreza pelo exito da temporada mas damo-lh'os por ter levado a cruz ao calvario com bom acompanhamento de excellentes artistas.

GILLIATT.

— Ha muito que no **Republica** não viamos peça tão interessante e de tão incontestavel valor como a *Primerose*, que subiu á scena em festa artistica de Eduardo Brazão. Escreveram-na Robert de Flers et Caillavet e traduziu-a com brilho Mello Barreto, conservando-lhe, em portuguez de lei, todo o requintado sabor, genuinamente francez. A peça, que ha tempos está em scena na *Comédie Française*, tendo sido já motivo de grandes discussões e até de dois duellos, é de feição differente das que dos mesmos auctores temos ouvido. No *Evantail*, *Miquette et sa Mère*, *L'Amour*, *Veille* e tantas outras, limitam-se a abordar n'uma ou n'outra scena a nota sentimental, que um dicto ou uma situação depressa desviam, para cahirem em seguida n'uma critica mordaz, esfusante, original, que era até aqui a caracteristica das suas obras. Na *Primerose*, onde, sem duvida, o seu espirito de observação prevalece, mais agudo talvez que em nenhuma outra, os intelligentes escriptores apparecem-nos sob uma feição diversa. Abandonaram por completo o lado comico, fazendo-nos, quanto muito, sorrir, e toda a peça é eivada de um sentimentalismo delicioso, de uma finura de que só o espirito francez é capaz, extasiando-nos o perfume da phrase e a pureza da acção, que decorre serena, sem o minimo esforço, n'uma deliciosa elevação d'arte que faz vibrar de commoção todos os nossos nervos. Uma verdadeira obra prima, merecedora de todo o applauso, não só pela fórma como está tratada, mas tambem pela belleza do assumpto. A acção decorre entre pessoas da primeira nobreza de França. O primeiro acto passa-se no Castello de Plelan, propriedade do *Conde* do mesmo titulo (Ferreira da Silva). Estamos em noite de festa; realisa-se um grande baile e no parque do castello, ao som das trompas de caça, o *Cardeal de Mérance* (Eduardo Brazão) abençoa os cães que no dia seguinte hão-de tomar parte n'uma grande caçada que se realisa nos dominios do proprietario do castello. A *Primerose* (Leonor Faria) sente-se radiante, é ella a alegria da festa, todos a disputam para dansar. Frequenta o castello, e é um dos convidados, *Pedro de Lancrey* (Alexandre de Azevedo) a quem *Primerose* n'um passeio que dera n'essa manhã com elle, a cavallo, tem confessado o seu amor. Pedro, fica radiante porque já a amava tambem, e á noite vem confessar-lh'o.

Uma carta, porém, que lhe trazem, annuncia-lhe a fallencia, na America, do banqueiro onde depositára toda a sua fortuna e então diz a *Primerose* que já a não ama. Esta fica surprehendida; a sua imensa dôr traduz-se n'uma crise enorme de choro, e Pedro, com o coração confrangido, diz-lhe que parte no dia seguinte para a America. A pobre *Primerose*, tão linda, tão candida, para quem, desde a primeira scena, nos sentimos atrahidos, ao ver desvanecidas todas as suas esperanças resolve entrar para um convento. — No segundo acto estamos ainda n'uma das dependencias do Castello. *Primerose* tem

ido para o convento, como irmã de caridade, ha oito mezes; Pedro regressa da America, onde conseguiu salvar ainda uma parte da fortuna. Encontram-se ali de uma das vezes que ella vem ao Castello acompanhada de uma outra irmã em busca de recursos para minorar a sorte dos pobres. Pedro quer recordar esse passado de oito mezes que tanto a transمودou. Ella, porém, pede-lhe que não lhe diga mais uma palavra que seja a tal respeito: — Vive só para Deus e para os seus doentes e promete rogar a Deus nas suas orações, para que Pedro se resigne e fique tendo por ella apenas uma amizade de irmão.

Estamos na epoca da separação da Igreja do Estado, em França. As religiosas são mandadas sahir dos conventos. O Conde teme pelo que possa succeder á filha e, como religioso que é, deplora o facto de ter ella de sahir do convento quando se tinha entregado ao serviço do Senhor e estava prestes a professor. E' uma scena de interesse, palpitante e de um alto ensinamento.

Quando todos pretendem oppôr-se n'essa casa ao que consideram

um attentado querendo fazer levantar o povo em defeza das suas crenças, o Cardeal, cheio de fé, deplorando o facto, mas, acima de tudo, christão, apostolo da Igreja e das suas doutrinas, aconselha a paz, a ordem, para que o sofrimento não seja maior, para que a repressão não leve o vencedor a esmagar o vencido, para que as crenças sejam respeitadas — *Deus não está só nas Igrejas*, nos diz elle, *está em toda a parte, em toda a belleza, e tudo que acontece são designios d'Elle. Acatemol-O.* — Excellente doutrina, nobre e sympathica figura a d'esse Cardeal, que entre os catholicos militantes e revoltados que o cercam, é o unico a encarnar o espirito liberal da França!

O terceiro acto decorre no Castello de Lermaise, dá-se um novo encontro entre Pedro e *Primerose* que já regressou do convento. Esta anda triste. O Cardeal percebe que o mal é de amores e tudo prepara e dispõe para que casem, pois só assim lhes volverá a felicidade. Avivando á *Primerose* uns pequeninos ciumes, ella n'uma doce e sentida evocação do passado, tem um grito de amor, e casa por fim com Pedro. O Cardeal, que nunca se vira mettido em taes embrulhadas, para descargo da sua consciencia pede graciosamente um padre... para se confessar.

Eis o resumo da excellente peça que teve um desempenho á altura do seu merito.

Eduardo Brazão realisoou com grandeza e arte a nobre figura do Cardeal; é um trabalho notavel o seu. A *Primerose* foi entregue a Leonor Faria que fez muito mais do que era licito esperar. Esse desempenho foi um grande passo na sua carreira artistica. Alexandre de Azevedo, no difficil papel de *Pedro*, venceu em toda a linha,

pela sobriedade, os escolhos que se lhe antolhavam. Muito bem Emilia de Oliveira, na *Condessa de Lermaise*, assim como Anna Espinosa que fazendo a sua estreia n'esta peça revelou recursos. Na novicia provinciana, Aura Abranches é simplesmente adoravel. Os outros artistas concorreram para o grande exito da *Primerose*. O scenario de Augusto Pina, bom.

— A *Casta Suzanna*, que a empreza do **Avenida** poz agora em scena é, como todas as outras operettas allemãs e austriacas, um pretexto para boa musica, accrescendo que esta é um pouco mais picante do que as que até agora nos têm visitado. No entanto, e talvez por isso mesmo, constitue um espectáculo interessante, alegre, que encanta os olhos e desopila o figado. A musica tem pedaços lindos, encantadores trechos, e no excellente desempenho distinguem-se Cremilda, que representa como uma parisiense desenvolta, Adriana de Noronha, José Ricardo, que é prodigo em recursos comicos, Armando

THEATRO DA REPUBLICA — Primerose



Scena final do 3.º acto (Brazão, Azevedo e Leonor Faria)

(Phot. de A. C. Lima)

de Vasconcellos e Amarante. Escusado será accrescentar que scenario e guarda roupa são magnificos, a traducção de Accacio Antunes excellente, e nos bailados ha vida, alegria, élan, champagne á farta e beijos, puxavantes — como é indispensavel a este genero theatral.

Ruy.

salão animatographico, ao qual tem chamado abundante concorrência. — **Salão da Trindade** está tendo actualmente grande frequencia, graças á exhibição de *O Club do Valete de Espadas* ou *Charley Kolms*, drama genero-policia. — **Variedades** — Successores do *Ponha-lhe papas* são *Os milhões do criminoso*, 4 actos e 1.500 metros!

THEATRO DA TRINDADE — O Rei das Montanhas



1.º acto

Animatographos

Olympia — *Amor d'além tumulo*, extraordinario trabalho da tragica italiana *Dora Baldanello*, é a fita de grande successo n'este

No **Central, Chiado Terrasse, Phantastico, Salão Foz e Chantecler** annunciam-se para breve grandes estreias, de que falaremos no proximo numero. Estes são sem duvida os salões animatographicos que dão a moda.



O Rei das Montanhas — Scena final do 3.º acto

(Phot. de A. C. Lima)